Ano I — Guimarães, 28 de Maio de 1914 — Numero 1

O MALHO

Semanario Critico e humoristico

DIRECTOR E EDITOR — **José Ferreira**

Redacção e administração: Rua Elias Garcia, 11 a 13 — GUIMARÃES

Preço das assinaturas

Pagamento adiantado:

Mensal..... 8 cent.
Avulso..... 2 »
Anuncios, linha..... 4 »

Para os assinantes de fóra da cidade acresce o porte do correio.

Composto e impresso na Tip. MINERVA

FAMALICÃO

"O MALHO,,

Mais um periodico que aparece, que é como quem diz: uma força a mais que surge, aqui, na patria dos jardins, das flôres, das tricanas belas, das sopeiras alegres e irrequietas que *insuflam* amor barato, ás escondidas, quasi sempre, aos soldados bisonhos que de perto lhes sorriem e as beijocam á sorrelfa!

Mas que vem fazer «O Malho» ?

«O Malho» vem *malhar;* e dizendo que vem *malhar* é o mesmo que dizer:—*vem bater;*—e batendo com o instrumento que lhe deu o nome certamente ha de haver muita cabeça quebrada, muitos braços e pernas partidas, e quem sabe se até muita *lunêta fôsca* estilhaçada.

Para isto tudo já temos grandes provisões de pensos, fios, algodão e muitas ligaduras, oferta generosa da farmacia *Vem Lógo.*

Não prometemos mais coisas, como muitos costumam fazer, porque tambem não queremos, para nós, a nota de caloteiros que os leitores poderiam averbar em seus livros do *Deve* e *Haver*...

Nós poderiamos, e muito bem, ficar por aqui, porque isto de apresentações *dilatadas* são o mesmo que uma cilha apertada que não deixa ao animal tomar o fôlego, mas já que nos afizemos á fraseologia periodical, vamos dizer mais algo sobre o assunto, apesar de já termos dito o suficiente para ilucidação das gentes.

Quem se achar ferido não tem de que se queixar, apenas requisitar os pensos e ligas de que acima falamos, se a ocasião fôr propicia a tal requisição, ou a nossa *bôlha* rebentar em éstos de generosidade... hospitaleira.

Não queremos poucos assinantes, mas sim muitos, que não tenham conta, e nos paguem adiantadamente a sua assinatura, com a pontualidade dum cronometro, com a automatica regularidade dum pendulo, para livrarem «O Malho» de percalços e bem assim dar-lhe saude, força e vigor para ele, em golpes de riso, com a mesma pontualidade, com a mesma regularidade, malhar, malhar, até tocar a quebrado...

Os de casa.

P'LA RAMA

Estamos na velha residencia do abade de Ovos, a pouca distancia de Fritos, onde aquele gordéfas festejava o seu aniversario natalicio com uma grandiosa paparóca aos seus intimos.

Um dos *paparoqueiros* que quiz falar mais do que comer, estabeleceu em breve este dialogo:

—Senhor abade, li numa gazeta que o da pasta do interior ordenou a maxima tolelancia em materia religiosa...

—Meu caro amigo, eu sempre disse que isto mais tarde havia de voltar ao estado *primitivo*... A igreja, que é a casa de Deus, nunca foi vencida, nem jámais o será. Amigo, fé e mais fé. Sabes que o apostolo S. Tiago deu catanada nos mouros de criar bicho e nós já o tinhamos mandado vir outra vez, para dar catanada *nisto* de criar percevejo!

—Já se têm criado bastantes. Eu, lá no meu quarto, vejo-os aos bandos a marinharem pelas paredes, talvez em evoluções de cordialidade. Portanto não precisavamos que o santo lutador cá viesse para criar mais bicharia...

Diga-me, senhor abade, a sua comadre ?

—Não deve tardar; já a mandei chamar.

—E a sua afilhada ?

—Essa não virá por se achar incomodada.

Nisto aparecia a comadre nédia, gorda, senhora d'oiro a bailar sobre os seios entumescidos.

O abade ergue-se rapidamente e segredou-lhe ao ouvido:

—Vai buscar a afilhada e mete-a na sala do rés-do-chão, que eu logo vou visital-a. Tu leva-lhe comida de todos os pratos que vierem para a mesa. Não convem que ela aqui apareça ante os olhos cubiçosos desta gente.

A comadre retirou, foi a casa e em vez de trazer a filha para o rés do-chão do abade trouxe a burra do mesmo senhor.

Entrou novamente na sala do jantar. O abade interrogou:

—Está ?

A comadre respondeu:

—Está.

Tomou lugar á mesa. O jantar correu animado e sem interrução.

Um dos convivas exclamou:

—Viva o senhor abade de *Ovos Fritos!*

Todos os mais empunhando os copos:

—Viva!

Outro convivа:

—Viva a sua comadre!

Todos em côro:

—Viva!

Outro:

—Viva tambem a sua bela afilhada!

O abade levantou-se batendo fortemente com os pés no chão e acompanhando o entusiasmo de todos:

—Viva! Viva!

Sentou-se de novo. A comadre deu ordens á creada para que levasse de todas as iguarias um grande prato aquem encontrasse no rés-do-chão do abade. A creada obedeceu e minutos depois entrou na sala com os olhos desmesuradamente abertos.

O abade chamou-a ao seu lado direito e perguntou-lhe baixinho:

—Olha lá, come bem ?

Ao ao que a creada retorquiu:

—Come e lambe tudo!

O abade não reflectiu no dito, e tratou de se dar pressa, mostrando-se incomodado, a fim de retirar-se ao seu quarto.

Era noite. Badaladas *dlim* dam, dam, cortavam o ar. O abade seguia, rezando para o rés-do-chão: —*Avé, Maria! cheia de graça...*

Ao que os outros respondiam: —*...O Senhor é comvosco... bemdita sois Vós entras mulheres...*

Retiraram-se vagorosamente. A noite tombára e dentro em pouco um lençol luarino amortalhára a aldeia.

Chegado que foi ao rés-do-chão, estava ás escuras e ouvindo o tropel dos pés da burra, disse-lhe brandamente:

—Tu trazes sócos, filhinha, heide dar-te uns sapatos.

Acendeu um fosforo e viu que em vez da afilhada lhe tinham mandado a burra. Grita pela creada e diz-lhe:

—Põe-me este diabo lá fóra e traz agua para lavares esta porcaria!...

Assim fez.

Joraferserei.

Em flagrante

A caminho do cemiterio municipal seguia hontem, ao caír da tarde, um enterro. Na passagem do Proposto um camponio interroga um operario que se descobria respeitosamente perante o féretro:

—Quem é o morto?

—E' o que vae dentro do caixão, responde o interrogado.

*

Ao voltar do Toural para a rua de Paio Galvão, um cabreiro, muito conhecido pelo avantajado do corpo, cuspia, sobre uma leiteira que ali estacionava, na manhã de quinta-feira ultima, estes insultos:

—Vacê é uma porca, uma burra, vende leite imundo e rouba a freguesia nas medidas!

Lá que se venda leite de burra
Por ser mais forte, póde passar,
Mas vender sempre leite de porca
Apetece gritar:

O' guarda, traga já o chanfalho!
Leve a mulher, sim, para os ferrinhos,
Atenda bem, aqui não ha porcos,
Nem mesmo filhos bacorinhos!

*

Dois franciscanos, de Montariol, que habitam uma casa na rua de Val-de-Donas, n'esta cidade, passeavam, ante-hontem á noite, no Passeio da Independencia, em companhia de um outro padre que se jactava de pertencer á Companhia de Jesus.

Um dos franciscanos, com modo hipocrita e pachorrento, interroga o jesuita:

—A qual das companhias pertence vossa reverendissima ?

—A qual das companhias pertenço? Essa é nova!

Eu só conheço uma, respondeu o jesuita admirado.

—Perdão, tornou o franciscano, são duas as companhias que Jesus teve:—a dos brutos no presépio e a dos ladrões no calvario. Digne-se dizer-nos a qual d'elas pertence.

*

Na tarde de domingo rasgava a superfice do rio Vizela um barquinho conduzindo um banhista á ilha dos amores. Este, a meio da viagem, perguntou ao barqueiro:

—Nunca se perdeu nenhum passageiro n'este rio ?

—Não, senhor, respondeu o barqueiro, todos aqueles que o rio afoga aparecem no dia seguinte.

*

O padre B... que pastoreia uma das melhores freguesias d'este concelho e que é muito conhecido pelos seus ditos ironicos, perguntava no final da missa, no adro da igreja, a um seu amigo paroquiano:

—Ha que tempo te confessaste?

—Como o meu amigo sabe foi o ano passado.

—Então andas d'ano! és como a minha égua! replicou o padre.

—Pois senhor padre B..., admira que a sua égua ande d'ano tendo o confessor de casa!

O padre B... continúa a conversar com o paroquiano por espaço de tres horas.

Este volta-lhe as costas para se pôr ao fresco e livrar do massador. O padre deita-lhe a mão á gola do casaco e diz-lhe:

—A onde vaes?!

—Visto a sua conversa não ter fim, vou dizer a minha mulher que me mande para aqui o almoço e o jantar.

???

E que nos dizem
D'este que *malha*,
Que inocentinho
De tudo ralha?

Que pilha a dente
Homem grosseiro,
Ferra e manca
Qualquer sendeiro?

Que aperta ao douto
Que se alaparda,
A grossa cilha
Sobre a albarda?

E aquele milicia
Que é maganão,
Põe-no a andar
Em pé de cão?

A' sopeirinha,
Que é bem ladina,
Da-lhe na testa,
Fura-lhe a *tina*?

E a muitos outros,
Cheios de mêdo,
Que vae tosal-os
Com verso azedo?

Não dizem nada, mesmo nada!

Previsão de tempo

O meteorologo Botija diz com referencia ao tempo provavel durante a segunda quinzena de maio:

Dias 15 e 16, perturbam-se muitas cabeças, sem serem de burros ou de cornupetos, no centro de Fafe, apezar de os haver ali em abundancia n'aqueles dias.

Dia 17, trovoadas de badalos de mistura com *fuguetorios*, *musicorios* e *órios* nos territorios de *Torquatorios*, com reflexos na redação d'«O Malho».

Dia 18, um vento de insania furia soprará friamente nas algibeiras de muitos *pedaço-d'asnos*.

Dias 19 e 20, chuvas torrenciaes de albardas e utensilios de aparato para vestir e ornamentar muito *filosofo* de orêlhas compridas e largas.

Dia 21, enigmatico.

Dia 22, novas perturbações atmosfericas que muito influirão sobre homens com cara fóra do uso, o *non plus ultra* da fucinhada.

Dia 23, ventos fortes do sudoeste e noroeste agitam as escrecencias dos animaes e... de algumas *dignidades*...

Dias 24 e 25, variaveis.

Dia 26, chuviscos de risos de muito maganão a desafiar a *caçoada* do cuco...

Dia 27, uma rajada de vento levanta a cauda de certo animal que poupa certos fidalgos, sabios, galantes, amorosos, perfeitos e bemquistos de puxar uma carroça... mostrando-lhe a *flôr* ..

Dias 28 e 29, de calmaria.

Dia 30, como é um numero expressivo e *redondo*, será molhado para lavagem da *sociedade*... do mesmo.

Dia 31, chuva fria no coração do inquilino e sól quente na algibeira do senhorio.

Quem lêr saberá

Conto velho

(Tradução do hespanhol)

Isto que vou contar sucedeu no tempo em que falavam os animaes.

Pois senhores: era uma vez um pobre burro que tinha um moleiro para levar a farinha a casa dos freguezes.

O coitado do burro, como todos os deputados da sua classe, cavilava como qualquer filosofo.

Apesar de andar sempre cheio de farinha, e carregar com foles desde pela manhã até á noite sem se poder deitar um pouquinho para descansar o famelgo e estropeado corpo, fizera-se querido dos visinhos de seu amo que quando o viam carregado de foles diziam-lhe para o consolar:

—«Pobre burro que tão carregado vae; mas ainda assim mais vale ser burro que porco».

Ora para cima, ora para baixo, todos os dias era a mesma cantilena que se ouvia.

—«Pois senhores, respondia o burro do moleiro, êle será verdade que mais vale ser burro que porco?!» E cavilando sempre como de costume, lá caminhava sem se convencer da afirmativa dos visinhos, carregado de foles, quasi que sem comer em todo o dia mais do que uns farelos a voar, e um braçado de herva miuda que lhe deitava na mangedoura o filho do moleiro; e assim passava o misero levando chicotadas a todos os instantes. Se queria matar a sede na agua corrente dum regato, lá vinha o moleiro e, zás, pau que te criou; se êle se atrevia a botar a boca a um silvado de qualquer valado, bumba, pau para baixo. Aquito era mesmo um bombo de festa.

A gente da paroquia dizia sempre:

—«Pobre burro; êle carregado anda, mas mais vale ser burro que pôrco».

*

Um dia do mez de S. João apareceu no moinho um novo freguez e o burro teve que fazer outra viagem cada oito dias aos que já tinha, que não eram poucos, por mal dos seus pecados.

A primeira vez que chegou com os foles ao eido do novo freguez, tal coisa viu, que se acerta a não estar esfomeado botava a fugir e não vltava a aparecer no moinho do amo; porém o desgraçado não tinha forças que o auxiliasse e não teve outro remedio senão conformar-se com a sua triste sorte.

O que êle vira não era para não lhe dar credito, ainda que fosse contado por um santo.

Fôra o seguinte:

«O amo d'aquela casa estava a deitar na pia do porco uma lavadura tão boa que lhe metia inveja. Aquilo sim, é que era tratar o animal!

Porém o que mais enraiveceu o burro foi vêr que além de darem boa vianda ao porco tambem lhe arranhavam a barriga e lhe diziam:

—«Vá, vá, meu russinho, come, come que ainda ha mais farinha para ti. Logo vem o burro do tio João com dois foles de centeio que tambem são para tu comeres, meu amiguinho.

E seguia arranhando-o e dando-lhe palmadinhas no lombo.

—«Eu não sei como é este mundo, disse para si o burro; trabalho que me desforro e o unico galardão que tenho é apanhar tundas que me fazem tremer, quando a fraqueza me ataca as pernas, fazendo-me ajoelhar por vezes... Esse porco que não póde com um saco de farelo come bem e é tratado como um *honrado*.

*

Chegára o mez dos magustos, e de *experimentar* a força alcoolica do vinho novo.

O diabo do burro estava cada vez mais fraco, o que não obstava a que levasse, todos os dias, foles cheios de farinha a casa dos freguesses.

O moleiro não se doêra da vida do animalejo, castigando-o sempre com chicotadas, quando não the partia os ossos com o arrocho, o que sucedia varias vezes.

—«Já me escama isto de que todo o mundo guarda tantas considerações aos *quiros*», dizia o burro descendo um atalho que ia dar ao moinho dum compadre de seu amo.

—«Pois senhores, que raio de ciencia terá para que assim os tratem?»—isto pergunta o desgraçado quando sentiu uns grunhidos tão grandes que faziam ensurdecer.

—«Quem será este que assim se esganiça, disse o burro assustado, será esse russo a quem estarão a fazer cocegas?...»

Ao chegar ao pé do moinho parou rapidamente, tremendo como uma vará verde.

—«Que a vem a ser isto?»

O moleiro que tantos carinhos costumava fazer ao porco, estava agora a cravar-lhe no coração, com toda a sua força, uma faca grande, reluzente, que metia mêdo.

Pobre burro! Arripiou-se lhe o corpo; meneou a cabeça com gravidade; fechou os olhos e exclamou com voz rouca e expressão filosofica:

—«Já me parecia a mim.

Isto de comer e não trabalhar, em alguma coisa havia de parar!»

J. F.

Malho e mais Malho

(Titi não faça tolices)

—Titi, lá vem o rapaz com o *Malho*, e olhe que traz *metralha*...

—A que é que tu chamas metralha?!...

—Então a *titi* não sabe que metralha é a carga dos *canhões!*

—Eu não!... sei-o agora.

—Pois o *Malho* traz tanta, tanta que era a suficiente para arrasar as dezasseis freguesias que se queriam tornar independentes.

—Sim?!...

—Sim *titi*.

—Mas diz-me, que metralha é que trás o *Malho*?

—Então deveras, a *titi* não sabe?!

—Não!...

—Eu lh'o digo:

Ele traz *cadeiras e cadeirões*, *chumbo* dentro de *caixões e capas de borracha* para não deixar entrar a humidade na polvora.

—E ele traz polvora?!...

—E até *rastilho* para pôr a *titi* em Aveiro *sem sapatos*.

—Tu és muito expressiva.

—Sou tão expressiva que até os *mudos* me compreendem e os *surdos* me ouvem a grande distancia.

—Estou a gostar muito de *ti*, e vejo que não é preciso cortar-te a *trave*.

—Ai que graça *titi*, esse seu dito tem.

—Gostaste?!...

—Gostei, gostei!... gostei!!!...

—Vês como sou tua amiguinha?!

—Pois eu, atendendo a isso, é que desejo fazer á *titi* a seguinte pergunta: a *titi* quando foi ao *Jardim da Independencia* colheu muitas flôres?

—Não, minha menina, porque eu já não frequento o Jardim...

—Ah!... ah!... ah!... então a *titi* não frequenta jardins, e ainda ha bem pouco tempo lá estava ás onze e meia da noite!

—Eu!...

—Sim, a *titi!*

—Mas quando?!

—Ora quando! quer que lhe diga?

—Diz!

—Esteve no Jardim na noite do dia seis.

—Então tu não te lembras que nessa noite choveu?

—Exactamente, nessa noite choveu e a *titi* estava com o guarda-chuva aberto no dito.

—Eu?!!!

—Sim, a *titi*, e andou com muita sorte em se retirar, porque estavam lá os da *Guarda Velha*, dispostos a fazer-lhe uma tourada.

—Tourada!...

—Sim, tourada mas sem *chocas*.

—Ora, deixa-te dessa monomania.

—Mas se é monomania, diga-me: Porque é que a *titi* estava a ver *Roma* no *Café do Zé*?

—Olha que eu bato-te se continuas.

—A *titi* não me bate, nem tampouco me póde proíbir de lhe dizer as verdades.

—Menina, olha que eu não estava á espera de *Roma* mas sim de *Nero!*

—De *Nero!?*... então a *titi* queria ser incendiada viva?

—Não, Deus me livre de tal. E porque dizes isso?

—Digo porque Nero mandou incendiar parte de Roma.

—Sabes mais do que eu.

—Pois sei, e é por isso, que vou principiar a cantar-lhe os *Amens*; porque a *titi* anda muito melan-

colica, desde que S. Pedro lhe fechou as *portas*.

—Essa palavra de *Amens*, é latim, não é?!!

—Então a *titi* anda a estudar em *Roma* e não sabe *latim*. Olhe que essa é de *cabo de esquadra*.

—E ahi estás tu. Não ha meio de te tirar a mania da cabeça.

—Olhe, não ha mesmo, porque a *titi* ainda um dia d'estes andou de automovel e eu fiquei convencida que ia vêr a grande cidade; e para não me estar a massar mais, eu só lhe digo que a *titi* esteve á espera de *Roma* no Jardim.

—Cala-te!

—Não me calo, porque a missão do *Malho* é *malhar* e eu quero-lhe fazer companhia, porque a *titi* é merecedora d'isso.

—Cala-te, já te disse!

—Não me calo, porque não ha ninguem que me possa proibir e tanto faz as queixas da *titi* como coisa alguma.

—Mas anda cá, anda cá; então tu dizes me que estive com Roma?!

—Digo, e logo que me fez chegar a mostarda ao nariz, vou-lhe dizer qual foi o ponto de partida e a orbita que percorreu.

—Ahi vem calunia.

—Não vem, não: a *titi* sem vergonha, subiu as escadas do *Plôrinho*, onde podia ficar *enforcada;* seguiu pela rua da *Tulha* podendo ali ficar *entulhada;* depois passou á rua do Gravador Molarinho, que podia ficar *gravada;* a seguir passou pela nossa rua, não entrando para casa, e d'ahi seguiu pela rua de *Trinta mil Diabos*, onde encontrou alguns *nabos;* e depois... seguiu pela de Santa Luzia, aonde fez oração, resou e pensou; depois foi ao Sr. do Picôto a quem pediu que Roma a socorresse.

—E que mais?

—Mais nada O que lhe digo é que aqueles cobertores não estão bem ali.

—E que mais?

—Mais nada, e se a *titi* continua a deitar ali os cobertores ao sol eu mando fazer uma rêde para apanhar as pulgas.

—Has-de ser sempre a mesma.

—Não sou, não. Isto é para *titi* não dizer que o *Melro* não piava mais; porque se eu lhe quizer mal, para mim não ha queixas, não ha nada.

—Mas como?!... Como?!

—Ai! quer cantiga? Sabe que mais... fale por um gramafone, para não lhe dizer outra coisa...

—E's indecente.

—Não sou indecente nada, e o que lhe digo é que não continue porque do contrario estou-lhe sempre a *malhar*. Adeus, até mais vêr.

Malho.

CORDIALIDADES

Amigos e colegas d'«O Melro», de onde viemos e com quem estamos, um cordial abraço.

Se precisares de, ao vosso canto, *tão terno e meigo*, juntares o nosso malhar *aspero e duro*, nós da melhor vontade vos remetemos, em franquia barata, mólhos e mólhos de *malhos* para malhares a ler na *cangica* rococó. Amigos, uma roça de cerejas, de que vós muito gostaes, vai pela criada das voltas... para os vossos penugentos.

*

Queridinhos da «Alvorada» que muito respeitamos pela *toilette* garrida que exhibis, um cordial aperto de mão.

Em casos de *cordialidade* furiosa tambem vos oferecemos um *malho*, coisa que abunda cá por casa, para bateres a vossa logica de ferro na bigorna do facto.

*

Entramos no «Castelo de Guimarães».

— Sentinela álerta!

— A'lerta está.

E nós tambem. De chapéu na mão receba os nossos respeitosos cumprimentos.

*

Generosos como somos, d'hoje e de sempre, uma ca xinha do rapé vinagrinho para espalhar e sono ao nosso ilustre colega «Comercio de Guimarães» a quem juntamente enviamos uma cabazada de *cordialidades*.

Velhinho, saude e felicidade.

*

Como os «Ecos de Guimarães» são coisa que estoira e faz barulho pela *senhora* que baixou á sepultura na madrugada de 5 de Outubro de 1910, uma bandeirinha azul e branca com esta legenda: — «Cordialidades d'«O Malho». Milhares de felicidades.

*

«O Despertar». Assim, rapazes, despertar a cantar os mais intimos e reconditos estados da vossa alma—penas e magoas, alegrias, entusiasmos, desesperos e aspirações.

«O Malho» *malha* para vós um mólho de felicitações. Vão brevemente... pelo eletrico.

Radiogramas

Serviço especial d«O Malho»

S. Paio, 12

Está sendo instalada aqui a grande exposição da *rosa-pedra*. Tem exemplares soberbos, de diferentes fórmas e feitios, assim como tambem diferem os arômas. Uns muito pronunciados a cêra e outros muito activos a agua benta. Para grande comodidade do publico, estabeleceu-se uma linha americana electrica com carros muito luxuosos, com *retreta-restaurante* e de grande velocidade.

*

Algôdres, 13

Um oficial promovido ultimamente a general entrou hoje na *Correar.a Baléla* e disse ao dôno do estabelecimento:

—Tem cabeçadas de general?

—Não senhor.

—Pois bem; faça-me uma para mim, replicou o novo general.

Dizem-nos que pertencia ás hostes do Coucciro. Temos nova incursão.

*

Braga, 14

Foi hoje aqui capturado pelo policia Trinca Espinhas um galêgo por ofensas á religião. Eis o caso:

O cidadão hespanhol entrou numa casa de *comes e bebes* da rua de S. João e pediu de comer. Apresentaram-lhe uma cabeça de savel. Aquele volta-se para o tasqueiro e diz-lhe:

—*Vaya que o pescau tem mais espinos do que Cristo tinha na corona!*

A prisão não foi mantida.

*

Praça Nova, 15

Duas sopeiras que aqui vieram fazer compras encontraram-se junto do fontenario. Uma d'elas dando os parabens á outra pelo seu proximo casamento, disse-lhe:

—O casar é uma grande coisa. Quem tem um homem tem um burro.

Um individuo que se achava proximo e que ouvira a conversa, respondeu ás duas encolerisado:

—D'esses mesmos é que vocês precisavam, suas bêstas.

As mulheres fugiram espavoridas.

*

Torre de Oliveira, 18

A pau e corda, conduzido por doze moços de fretes, descalços e não ferrados, chegou a este posto o celeberrimo e muito desejado Cronometro Municipal. S. Ex.ª, momentos depois, quiz fazer as suas *necessidades* para que exteriormente vissem, os curiosos, o que continha o seu bandulho. Penhas de engrenagens, chapas, arames e badalos, estes, para baterem *meias e quartos*, apareceram aos olhos de quem não dormia e... uma grande *espiga* para os que acreditarem na sua boa *obra*...

*

Torre dos Cães, 19

Um grande sabio de nome *Ignorante* descobriu um grande remedio para os calos. Consiste o mesmo no seguinte:

Untar os pés com queijo ao paciente, dormir descoberto para que os ratos se encarreguem de lhos tirar.

*

Avenida Candido Reis, 22

Tenho o meu pavimento escangalhado e as vias de exgoto entupidas. Preciso de concerto rapido no dito e de um *clister* forte nas respectivas...

*

Riba d'Ave, 23

O senador Anselmo Xavier, apresentou ao senado, em sessão de 18 do corrente, o projecto do nosso concelho. Ha grande regosijo em todos nós, incluindo nas mulheres que *bufam*... de satisfeitas!

*

Vizela, 24

Preciso de candeias para vêr de noite. Tudo ás escuras. Turras por todos os lados, frente e rectaguarda. Isto assim não póde continuar; eu caio e morro de... *cegueira*...

Na redacção do meu jornal é tal a confusão que já se impinge gato por lebre. Peçam ahi candeias, muitas candeias para evitar *desastres*.

Acabamos de lêr n'uma folha dos Quintos... e aquem pedimos vénia para a devida transcrição, o seguinte

Soneto

Valen e gatarrão de rabo alçado,
E' por ti que na lira agora arranho,
Pois tens, de teu oficio e desempenho,
Gigantes ratazanas derrotado.

A grandes cães de fila, e cães de gado
Não viras teu focinho d'arreganho:
Muitos fugido teem do teu gadanho
Com o rabo entre as pernas entalado:

Deves ser aclamado rei dos gatos,
E trazes no pescoço uma coleira,
Mas sem guiso, que fôra anuncio aos ratos

E's um bicho estimavel, de maneira
Que por força has-de ser o rei dos gatos,
E ficares o gato rei por derradeira!

N'um cemiterio sertanejo lê se na lousa d'uma sepultura o seguinte epitafio:

Coberta com esta lousa,
A matrôna dos negocios
Pela vez primeira repousa...

Espera repousar segunda vez, esta senhora.

Durante a estação do calor eis o que é necessario tomar.

Durante a temporada do calor, a maior parte das pessoas queixam-se de fadiga, diminuição de energia, perda do appetite. Para muita gente, a chegada do verão traz comsigo a reapparição de certas affecções: erupções, eczema, furunculos. O calor torna mais insupportaveis ainda erstas incommodas molestias da pelle. O abuso de bebidas demasiado frescas, a fructa mal sazonada debilitam e estragam o estomago.

Tomem as Pilulas Pink, durante a epoca do calor. As Pilulas Pink dão forças, desenvolvem o appetite, facilitam as digestões. Dão sangue e tonificam o systema nervoso. Estimulam o funccionamento de todos os orgãos e combatem a fadiga. São indispensaveis a todos aquelles que não podem ir para o campo ou para a beiramar retemperar o organismo, por meio de uma cura de ar bem lavado e bem salutar.

Pilulas Pink

Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 réis a caixa, 4 a 400 réis as 6 caixas. Deposito geral: J. P. Bastos & Cª, Pharmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa — Sub-Agente no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

O leitor paciente e amigo tem aqui muito que lêr. Vai principiar por este anuncio de automoveis que é de chupeta:

AUTOMOVEIS BURRICAES

A melhor concéção mecanica. A maior simplicidade. O melhor rendimento. O menor consumo. A maior robustez. Eis as qnalidades que oferece aos seus clientes a marca Vicente.

RUA DE S. DAMAZO

Casa "TUM„

A seguir vai tambem ler este que segue:

Empregado

Precisa-se de um para estabelecimento de sopapos e pontapés, com conhecimentos de francez, inglez e que saiba escrever ... á maquina.

Carta fechada á rua das Botas para ser chamado a provas...

Ahi vai outro para desenjoar:

AZEITONAS

Pretas e brancas ha sempre grande sortido em casa dos cabreiros.

Este que a seguir vai lêr é um conselho de amigo. Ei-lo:

Perda de memoria

Fadiga cerebral, esgotamento nervoso, clorose e anemia cura-se depressa batendo fortemente com um pau na cabeça e corpo do paciente

Vende-se em qualquer feira.

O que segue tem alguma utilidade. Ahi vai êle:

Feitor ou criado de lavoura

Precisa-se de um que saiba comer palha, roer cereais e tosar mato á largura da lingua.

Quem estiver nas condições escreva para os lameiros da Pisca.

Vai agora este que é duma utilidade extrema:

LINDISSIMO CHALET

Tem agua purissima, motor, estufa, parque, gruta, lago, hôrto, tanques e mais coisas etc., e tal.

Está feito ha tres mêses, construção moderna, possuindo quartos, sala de jantar, sala de visitas, quarto de banho com agua de caldeira.

Constitue um pequeno sanatorio pela sua situação aprasivel.

Pede-se a visita do publico. E' propriedade do snr. Artur e fica ao lado da estação do caminho de ferro, junto á barraca dos impostos municipaes.

E para terminar vai este, que tambem não é mau:

Os pêlos do rosto

E as raizes, desaparecem para sempre com o uso da milagrosa manteiga de cão, que se vende por ahi, em qualquer canto.

"O MALHO„

Semanario critico e humoristico

Ex.mo Snr.

.....

.....